

PALEODONTOLOGIA UM BREVE ESTUDO

*MANUEL LOURENÇO NUNES, **EDUARDO CHIMENOS

RESUMO

Os autores fazem um estudo descritivo simples das peças humanas (maxilares, mandíbulas e dentes) encontradas nas escavações efectuadas junto à capela de Sr^a Maria do Castelo, em Castelo Branco.

Palavra-chave: Paleodontologia, arqueologia, antropologia, paleopatologia

ABSTRACT

This is a study describing some human bone peaces, founded in Castelo Branco, when some excavations have been made near the church of Sr^a Maria do Castelo.

Key-Words: Paleodontology, archeology, anthropology, palaeopatology.

Dentro da multidisciplinaridade a que o trabalho obriga, cada vez mais, o Médico Dentista pode dar um valioso contributo em diversas áreas do saber.

No domínio da Arqueologia, a Paleodontologia é uma realidade. Este pequeno estudo é disso um exemplo.

AS ORIGENS

– UM POUCO DE HISTÓRIA

A história de Castelo Branco começa a contar-se a partir da época dos Romanos – um povoado com alguma importância, de nome **Castraleuca** (**Castra Leuca** para alguns⁽¹⁾) – embora a ocupação humana destas terras remonte à Idade do Bronze⁽²⁾.

Séculos mais tarde, conhece-se a existência de uma vila chamada **Vila Nova da Cardosa**.

Em 1214, o Rei D. Afonso II doou aquela terra à Ordem dos Templários que ali consuíram uma vila com a respectiva fortaleza a que deram o nome de **Castelo Branco**. Esta doação foi confirmada um ano mais tarde pelo Papa Inocêncio III⁽³⁾.

D. Sancho II, em 1229, concedeu-lhe foral⁽⁴⁾.
"Como qualquer outro povoado medieval,

Castelo Branco começou por ter o seu castelo, a sua alcáçova, uma igreja e uma cinta de muralhas que protegiam o casario"⁽⁵⁾ (Fig 1).

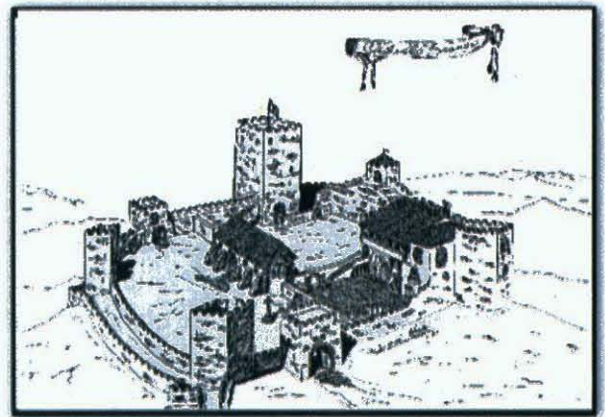


Fig 1- Povoado medieval

Da Igreja daquela vila medieval, pouco se sabe, nos dias de hoje. No seu adro, juntavam-se os Homens-Bons⁽⁶⁾. No interior e em seu redor, enterravam-se os mortos.

Templo de fundação românica⁽⁷⁾, a capela de Santa Maria do Castelo, como hoje é chamada, foi repetidamente pilhada, incendiada e par-

* Médico Dentista da Sub-Região de Saúde de Castelo Branco. Aluno de Doutoramento na Universidade de Barcelona.

** Professor da Faculdade de Odontostomatologia da Universidade de Barcelona.

cialmente destruída. Sistemáticamente, procedia-se à respectiva reconstrução, apresentando agora o aspecto que as fotografias documentam (Figs 2 e 3).



Fig. 2 – Alçado principal



Fig. 3 – Alçado lateral oeste

LOCAL DE ORIGEM DAS PEÇAS

Junto a esta capela – Santa Maria do Castelo – entre 1979 e 1984, foram descobertos vários achados arqueológicos. Entre os achados históricos postos a descoberto, alguns túmulos com os respectivos esqueletos. Na tentativa da datação dos túmulos, concluiu-se que poderiam ser dos séc. XIII – XVI, porque nas suas proximidades (e aparentemente, à mesma profundidade) foram descobertas moedas com o cunho de D. Sancho II (1209 – 1248) e de D. Sebastião (1554 – 1578). Aquela conclusão assentava também na crença exposta por Gil Vicente (início do século XVI), na sua obra "Auto das Barcas", que, depois da morte, era necessário dar ao Barqueiro uma moeda para que o defunto fosse transportado através de um grande lago até à outra margem, que seria a Eternidade.

A forma de proceder, no que respeita à datação dos túmulos encontrados, parece um pouco vaga:

1 – Sendo Gil Vicente um escritor do século XVI, não parece provável que no século XIII (reinado de D. Sancho II) se pudessem ter em conta as "teorias" das moedas e das barcas.

2 – Também parece pouco fundamentada a teoria de que, pelo facto de serem encontradas moedas com o cunho de D. Sancho II junto aos túmulos, estes pertencessem àquela época. As moedas poderiam existir, certamente, no reinado de D. Afonso III (o rei que sucedeu a D. Sancho II), ou até mais tarde.

3 – Existindo moedas com o cunho de D. Sancho II (séc. XIII) e de D. Sebastião (séc. XVI), com emissões separadas por 300 anos, parece pouco provável a sua descoberta no mesmo estrato geológico. Poderiam as moedas ter sido encontradas à mesma profundidade; era necessário, no entanto, ter em conta as movimentações do terreno e proceder ao respectivo estudo estratigráfico, de modo a poder concluir-se sobre o tempo que separou a deposição das moedas naqueles terrenos.

4 – A confusão mantém-se quando se pensa na moeda de prata com o cunho de D. Manuel I, (1495 – 1521) também encontrada nas mesmas escavações.

5 – No que respeita à crença do barqueiro e da necessidade de lhe fazer o pagamento em moedas, aquela crença já existia tanto na Mitologia Grega, como entre os Romanos.

6 – Sendo Portugal um país de fortes influências católicas (facto extraordinariamente vincado na Idade Média), é difícil aceitar que o culto do profano (deposição das moedas) e o enterro religioso pudessem co-existir.

7 – Não há qualquer referência à orientação espacial dos túmulos.

8 – Foi só no século XIX que, em Portugal, deixaram de enterrar os mortos nas igrejas ou nos terrenos em redor das igrejas⁽⁸⁾, embora tenha havido um interregno, no século XIV, devido à peste negra (os cadáveres eram queimados).

9 – As escavações foram, entretanto, encerradas e enterradas. É impossível fazer agora o estudo do terreno.

10 – O mais sensato é concluir não haver datação.

11 – Só o recurso a técnicas de laboratório poderá fornecer alguma indicação sobre a idade das peças.

MATERIAL ENCONTRADO

Do material retirado dos túmulos encontrados nas escavações anteriormente referidas restam apenas algumas peças que se encontram depositadas no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco. A saber :

- Dois fragmentos de mandíbula, sem dentes, adiante designados por peças nº 1 e nº 2.
- Dois fragmentos de mandíbula, um deles com 3 dentes e outro com apenas dois, adiante designadas por peças nº 3 e nº 4.
- Um fragmento de maxila com 2 dentes, adiante designado por peça nº 5.
- Uma mandíbula de criança com 5 dentes (decíduos) presentes, adiante designada por peça nº 6
- Um osso maxilar de criança, com um dente, adiante designada por peça nº 7
- Um osso maxilar de criança, com 3 dentes, adiante designada por peça nº 8
- Vários dentes definitivos e dois gérmens dentários soltos

MATERIAL E MÉTODO

Na impossibilidade de se fazer os estudos craniométrico e cefalométrico, optou-se pela descrição das peças encontradas, após observação directa.

No que respeita às peças que pertenciam a um indivíduo ainda criança, foram radiografadas a fim de se poder concluir sobre a idade à altura da morte, após análise do desenvolvimento da dentição definitiva ainda não erupcionada.

A análise dentária foi feita directamente sobre o material encontrado.

Foram ainda utilizados, no estudo, um compasso de espessura, uma craveira e uma régua graduada. Todas as medidas são apresentadas em milímetros.

PEÇA Nº 1

Fragmento mandibular, lado esquerdo, composto por uma porção do ramo horizontal (corpo) da mandíbula, ramo ascendente, côndilo e apófise coronóide, estes últimos separados pela larga chanfradura mandibular (Fig. 4).



Fig. 4 – Peça nº 1 face vestibular

Na face medial é visível o buraco mandibular, bem como o que resta da Espinha de Spix. (Fig. 5).

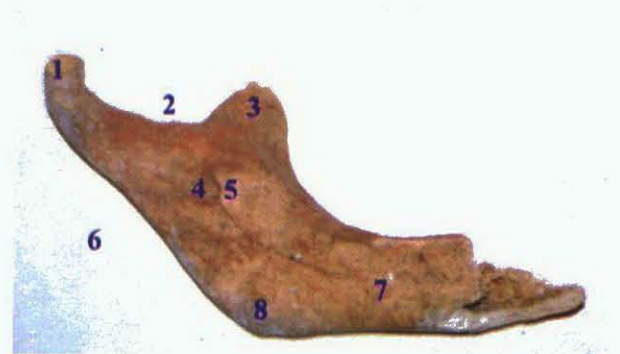


Fig. 5 – Peça nº 1 face lingual

(1 – Côndilo; 2 – Chanfradura mandibular; 3 – Apófise coronóide; 4 – Buraco mandibular; 5 – Espinha de Spix; 6 – Ramo ascendente; 7 – Ramo horizontal; 8 – Ângulo mandibular)

O côndilo apresenta erosão nas faces lateral e medial, sugestiva da acção de roedores.

A observação do ramo horizontal da mandíbula sugere a perda de dentes – no espaço observável – antes da morte.

Altura do ramo ascendente	54
Largura do ramo ascendente	26

PEÇA Nº 2

Fragmento mandibular, constituído pela quase totalidade do ramo horizontal direito, zona mentoniana e uma pequena porção do ramo horizontal esquerdo.

Na face lateral direita é visível o buraco mentoniano (Fig. 6).



Fig. 6 - Peça nº 2 face vestibular

A nível anterior, de notar a existência de osso alveolar, que comportava 2 dentes, possivelmente com doença periodontal grave – a profundidade alveolar é mínima, o que revela a possibilidade de grande mobilidade dentária.

Ainda a nível anterior, a provável existência de um quisto, sugerida pela cavidade presente (Fig. 7).



Fig. 7 - Peça nº 2 face lingual

(1 - Ramo horizontal da mandíbula; 2 - Buraco mentoniano; 3 - Osso alveolar; 4 - Zona mentoniana; 5 - Possível cavidade quística)

Posteriormente, a ausência de dentes, perdidos antes da morte (nesta zona, o corpo da mandíbula reduz-se ao osso basal).

Na face interna da zona mentoniana (sínfise mandibular), são visíveis as espinhas mentonianas.

PEÇA Nº 3

Fragmento de uma mandíbula (do ramo horizontal) que, pelas características morfológicas dos dentes presentes, assim como pela orientação do buraco mentoniano, se permite concluir ser do lado esquerdo (Fig. 8).



Fig. 8 - Peça nº 3

1 - Canino (3.3); 2 - 1º Prémolar (3.4); 3 - 2º Prémolar (3.5);
4 - Cárie de colo; 5 - Buraco mentoniano

Os dentes presentes são o canino inferior esquerdo (3.3), o primeiro pré-molar inferior esquerdo (3.4) e o segundo pré-molar inferior esquerdo (3.5)

De notar a existência de duas cáries no segundo pré-molar inferior esquerdo (3.5): uma cárie na face distal e outra na face vestibular (cárie de colo).

As coroas dentárias apresentam uma abrasão muito marcada, mas sem cáries oclusais.

Pode observar-se a presença de tártaro em todos os dentes

Na face lateral do fragmento ósseo do corpo da mandíbula, verificar a presença do buraco mentoniano.

O ápice da raiz do canino é directamente observável.

Observação dos dentes presentes

CANINO INFERIOR ESQUERDO

Comprimento do dente	24
Altura da coroa	10
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	6

PRIMEIRO PRÉMOLAR INFERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	7
Diâmetro Mesio-Distal	6.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	7

SEGUNDO PRÉMOLAR INFERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	8

PEÇA Nº 4

Fragmento de mandíbula contendo dois pré-molares (Fig. 9). Pela morfologia dos dentes presentes e pela orientação do buraco mentoniano, conclui-se pertencer ao lado direito.

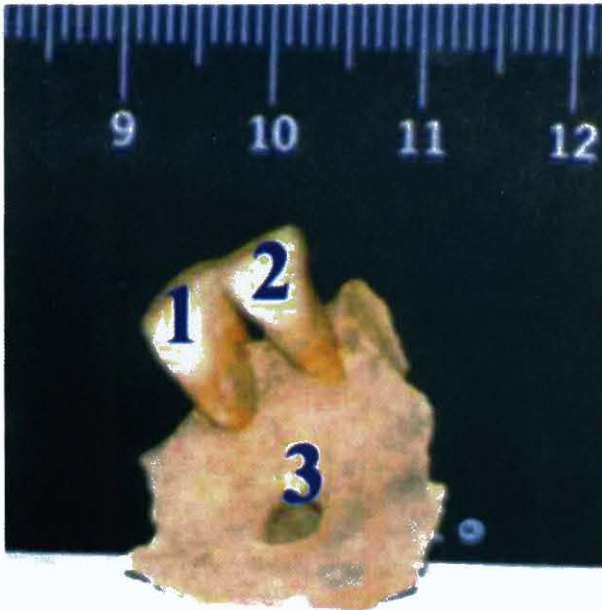


Fig. 9 – Peça nº 4.

(1 – 2º Prémolar (4,5); 2 – 1º Prémolar (4,4);
3 – Buraco mucutímimo)

Dentes muito abrasionados na face oclusal.
Não há lesões de cárie dentária.

Presume-se a existência de doença periodontal após observação da altura óssea alveolar.

Verifica-se a presença de tártaro, nas faces vestibulares.

A medição do comprimento total dos dentes é possível, uma vez que os ápices estão expostos.

Observação dos dentes presentes:**PRIMEIRO PRÉMOLAR SUPERIOR DIREITO**

Comprimento do dente	20
Altura da coroa	6.5
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	7

SEGUNDO PRÉMOLAR SUPERIOR DIREITO

Comprimento do dente	21
Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	6.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	8

PEÇA Nº 5

Fragmento de maxila que, pela morfologia dentária, se conclui ser do lado direito (Fig. 10).



Fig. 10 – Peça nº 5

(1 – 2º prémolar superior direito; 2 – 1º prémolar superior direito; 3 – Osso maxilar)

Os dentes apresentam uma abrasão marcada nas faces oclusais, mais evidente no 1º prémolar.

Não se verifica a existência de lesões de cárie.

Presume-se a existência de doença periodontal, uma vez que se observa uma diminuição da altura óssea alveolar.

Há tártaro presente nas faces vestibulares de ambos os dentes e na face palatina do 2º prémolar.

Observação dos dentes presentes:**PRIMEIRO PRÉMOLAR INFERIOR DIREITO**

Altura da coroa	6.5
Diâmetro Mesio-Distal	6.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

SEGUNDO PRÉMOLAR INFERIOR DIREITO

Altura da coroa	6.5
Diâmetro Mesio-Distal	6.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

OBSERVAÇÕES

1 – As cinco peças apresentadas anteriormente encontram-se depositadas no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco. Sabe-se que são provenientes das escavações havidas junto da capela de Santa Maria do Castelo, entre 1979 e 1984, embora não se saiba como foram parar ao Museu.

2 – São as únicas peças com dentes definitivos (de pessoa adulta) presentes no Museu. Há ainda alguns dentes soltos que serão classificados mais adiante.

3 – Não se sabe de quantos túmulos as cinco peças foram retiradas. Não se sabe sequer quantos túmulos foram encontrados nas escavações.

4 – Pelas características das peças descritas e dos dentes nelas contidos, pode especular-se que poderão pertencer a dois esqueletos adultos distintos: as peças nº 1 e 2 pertencerão a um esqueleto e as restantes três a um outro. No entanto, nada é seguro sem a correspondente verificação laboratorial

PEÇA Nº 6

Trata-se de parte de uma mandíbula de uma criança, com três dentes inferiores esquerdos (7.3, 7.4, 7.5 – respectivamente o canino e os dois molares decíduos) e dois dentes inferiores direitos (8.4, 8.5 – respectivamente o primeiro e o segundo molares decíduos) (Fig. 11).

A perda de 7.1, 7.2, 8.1, 8.2 e 8.3 (incisivos centrais e laterais e canino direito) verificou-se post-mortem.

De notar a existência da coroa do 1º molar definitivo inferior esquerdo (3.6). Do lado direito apenas se observa o local onde se supõe ter estado o gérmen dentário do 1º molar inferior direito (4.6).

Ainda atrás do gérmen do 1º molar inferior esquerdo, uma cavidade onde, possivelmente estava em desenvolvimento o gérmen do 2º molar inferior esquerdo.



Figs. 11 – Peça nº6

1 – Local do gérmen do 2º molar definitivo; 2 – Local do gérmen do 1º molar definitivo; 3 – 2º molar decíduo inferior esquerdo; 4 – 1º molar decíduo inferior esquerdo; 5 – Canino decíduo inferior esquerdo; 6 – 1º molar decíduo inferior direito; 7 – 2º molar decíduo inferior direito; 8 – Local do gérmen do 1º molar definitivo; 9 – Buraco mentoniano direito; 10 – Buraco mentoniano esquerdo

Os ramos ascendentes não existem na peça observada, possivelmente perdidos após fratura provocada pelas escavações.

Não se verifica a existência de cárie dentária em nenhum dos dentes observados, nem vestígios de qualquer tratamento.

Nas faces laterais do corpo da mandíbula, são perfeitamente visíveis os buracos mentonianos.

A observação de vários radiogramas obtidos a partir desta peça mostra as coroas dos incisivos inferiores já calcificadas (Fig.12) bem como a coroa do 1º molar inferior esquerdo com a sua calcificação completa (Fig.13). A coroa do 1º prémolar, de ambos os lados, apresenta-se calcificada em cerca de 1/3 e não se observa qualquer calcificação da coroa do 2º prémolar (Figs 13 e 14).

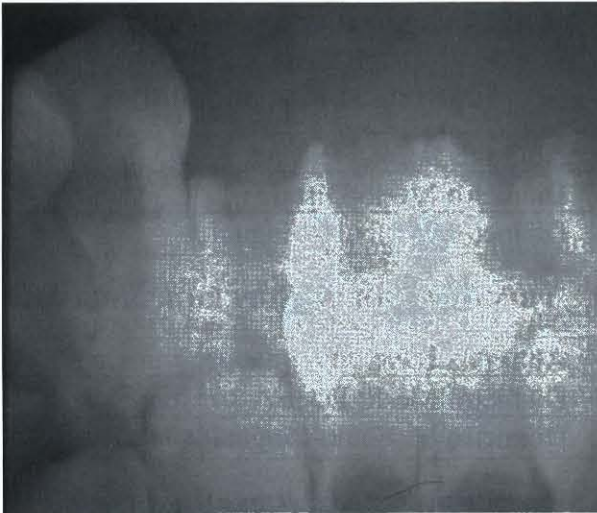


Fig. 12 – Observem-se as coroas dos incisivos permanentes já calcificadas e o canino decíduo inferior esquerdo com parte da coroa do seu sucedâneo já presente.



Fig. 13 – Observe-se a coroa do 1º molar inferior esquerdo já calcificada, o 2º molar decíduo inferior esquerdo, o 1º molar decíduo inferior esquerdo e a coroa do 1º pré-molar inferior esquerdo em início de calcificação.



Fig. 14 – Observe-se o 2º molar decíduo inferior direito, o 1º molar decíduo inferior direito e a coroa do 1º pré-molar inferior direito em início de calcificação.

Observação dos dentes presentes

CANINO INFERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	6
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	6

PRIMEIRO MOLAR INFERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	5.9
Diâmetro Mesio-Distal	8
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	7

SEGUNDO MOLAR INFERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	5
Diâmetro Mesio-Distal	9.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

PRIMEIRO MOLAR INFERIOR DIREITO

Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	8
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	7

SEGUNDO MOLAR INFERIOR DIREITO

Altura da coroa	5,2
Diâmetro Mesio-Distal	9.5
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

Da observação dos dentes e da observação radiológica dos germens dentários, permite-se concluir que à altura da morte esta criança tinha entre 3 e 4 anos de idade.

Nada se pode concluir sobre o género sexual.

PEÇA Nº 7

Pela observação desta peça e orientando-a de forma conveniente, pode concluir-se que se trata de um osso maxilar direito de uma criança (podem observar-se o canino, 1º molar e 2º molar decíduos, bem como uma coroa, ou parte dela, a erupcionar por palatino relativamente ao local onde deveriam estar os incisivos) (Fig 15).

Os incisivos central e lateral foram perdidos post-mortem.

Não se observa qualquer lesão de cárie nos

dentes presentes, nem qualquer sinal de terem sofrido algum tratamento.

Morfologicamente, não se observam alterações dentárias ou ósseas.

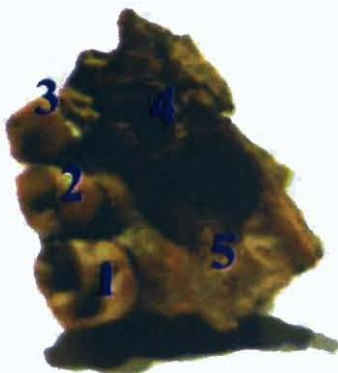


Fig. 15 – Peça nº 7

(1 – 2º molar decíduo superior direito; 2 – 1º molar decíduo superior direito; 3 – Canino decíduo superior direito; 4 – Coroa (ou parte dela) de um dente definitivo (incisivo central?); 5 – Apófise palatina do maxilar)

Pela observação da peça e do radiograma correspondente, (Fig. 16) não consegue perceber-se se a coroa em formação, presente por palatino, relativamente aos incisivos centrais decíduos, corresponde a um incisivo permanente em formação – o que parece pouco provável, por duas razões: tamanho reduzido mesio-distal e erupção por palatino relativamente aos incisivos decíduos. Não é de excluir a possibilidade de se tratar de um dente supra-numerário.



Fig. 16 – Observe-se a apófise frontal do maxilar, a apófise palatina do maxilar, os três dentes erupcionados e as coroas dos dentes definitivos em formação, ainda não erupcionados.

Observação dos dentes presentes

CANINO SUPERIOR DIREITO

Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	6

PRIMEIRO MOLAR SUPERIOR DIREITO

Altura da coroa	5.8
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

SEGUNDO MOLAR SUPERIOR DIREITO

Comprimento do dente	14
Altura da coroa	6
Diâmetro Mesio-Distal	9
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	10

No caso do segundo molar decíduo é possível medir o comprimento do dente, uma vez que as três raízes estão visíveis, devido á destruição óssea alveolar.

PEÇA Nº 8

Esta peça é, morfologicamente, simétrica da peça nº 7, pese embora a ausência de mais dentes que na peça anterior. Pertence, portanto, ao lado esquerdo (Fig. 17).



Fig. 17 – Peça nº 8

1 – 1º molar decíduo superior esquerdo; 2 – Coroa em formação; 3 – Apófise palatina do maxilar; 4 – Apófise frontal do maxilar

É visível por palatino, relativamente ao lugar dos incisivos decíduos, uma coroa aparentemente de incisivo incompletamente formada. As observações feitas à coroa em formação, presente na peça anterior, são válidas para esta coroa dentária.

Não há sinais de cárie no molar decíduo presente (1º molar decíduo superior esquerdo).

O primeiro molar decíduo superior esquerdo apresenta um pequeno tubérculo com cerca de 3mm de diâmetro, na face vestibular da coroa, na direcção da raiz mesio-vestibular.

Observação do dente presente

PRIMEIRO MOLAR SUPERIOR ESQUERDO

Altura da coroa	5.9
Diâmetro Mesio-Distal	7
Diâmetro Vestíbulo-Lingual	9

Colocando as duas peças anteriores (nº 7 e nº 8) lado a lado, concluímos que se adaptam perfeitamente (Fig. 18)



Fig. 18 – Peças nº 7 e 8 colocadas lado a lado.

Obtendo um radiograma de ambas as peças, verifica-se a existência de simetria, mesmo a nível das coroas dentárias em formação (Fig. 19).

Com alguma segurança, pode afirmar-se pertencerem ao mesmo indivíduo – uma criança com 3 ou 4 anos, à altura da morte.

A determinação aproximada da idade é possível, pela observação dos radiogramas correspondentes às peças e pela observação das próprias peças: note-se a dentição decídua completamente erupcionada e o grau de formação dos incisivos definitivos.



Fig. 19 – Radiografia das peças nº 7 e 8 colocadas lado a lado

OBSERVAÇÕES

1 – As três peças anteriormente descritas (nº 6, nº 7 e nº 8) encontram-se depositadas no Museu Francisco Tavares Proença Júnior, em Castelo Branco. Sabem-se provenientes das escavações junto à capela de Santa Maria do Castelo, ocorridas entre 1979 e 1984, embora se desconheça a forma como foram parar ao Museu.

2 – São as únicas peças ósseas com dentes decíduos (de criança) presentes no Museu. Há ainda dois gérmenes de dentes definitivos que serão classificados mais adiante.

3 – Também neste caso se desconhece de quantos túmulos foram retiradas as peças.

4 – Pelas características das peças e dos dentes que as mesmas contêm, poderemos pôr a hipótese de pertencerem a um só esqueleto – ao de uma criança com idade compreendida entre 3 e 4 anos.

PEÇAS DENTÁRIAS SOLTAS

No espólio presente no Museu, oriundo das referidas escavações, encontram-se alguns dentes soltos que não pertencem a nenhum fragmento ósseo recolhido.

A tabela I pretende dar uma ideia dos dentes e das suas características.

	comp Dente	Altura Coroa	Diamet M D	Diamet V L	Número Raízes	Cárie Dent	Tártaro	Abrasão
1.1	20.7	10.1	8.8	7.6	1		M D V	INCIS. CÚSP
1.3	24	9	7.5	7.6	1		V	
1.4	18.8	8.4	6.1	8.2	1	V - colo	V D	
1.6	18.9	6	9.9	10.5	3	M	V L	OCLUS
1.8	17.7	6.2	8.9	9	3		V M	O (MP)
2.2	20.2	8.8	6.6	5.9	1	V	M V D	INCIS
2.8	18.2	7.2	1.1	9	3	M	D	O (M)
4.1	20.1	8.6	5.8	6.8	1		M V D	INCIS
4.2	Ident	7.9	5.6	5.7	1		M V D	INCIS
GENEV								
2.6		7	10.7	10.4				
4.6		7	10.9	10.7				

Tabela I

DISCUSSÃO

A falta de método nas escavações arqueológicas referidas no presente trabalho levou a que se perdessem dados fundamentais para uma classificação de qualidade dos fragmentos ósseos encontrados :

- A classificação dos estratos geológicos não foi feita.
- Os esqueletos encontrados nos túmulos não foram devidamente agrupados, perdendo-se a maior parte das peças, algumas das quais foram mandados enterrar no cemitério local.
- Não foi possível fazer a datação dos túmulos, situá-los numa determinada época, o que relativiza a importância de qualquer informação que eventualmente possa ser colhida nos fragmentos ósseos e dentários encontrados.
- Não é possível saber, com certeza, a quantos indivíduos pertenciam as peças estudadas. São válidas as hipóteses : duas crianças e dois adultos, uma criança e dois adultos.

A necessidade do trabalho multidisciplinar pode, mais uma vez, sugerir-se, também aqui,

no domínio da arqueologia, de modo a que o todo possa ser valorizado.

CONCLUSÃO

Após observação das peças encontradas, que não podemos afirmar pertencerem a uma amostra significativa de uma determinada população, poucas conclusões se permitem:

- Existia doença periodontal
- A prevalência da cárie dentária era baixa.
- A dieta continha alimentos abrasivos
- Havia perdas dentárias, em vida, de que desconhecemos a causa.
- A cronologia da erupção dentária, no que respeita á dentição definitiva, parece não ser diferente da que hoje conhecemos.

BIBLIOGRAFIA

- (1) Saraiva, José Hermano - A história de Castelo Branco, in Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal - nº 6 - 1996
- (2) Bermejo, Jose María; Salvado, Pedro; Mateos, Jose Antonio; Longo, Paulo. Castelo Branco, Imágenes de lino y seda, in La Raya Luso Cacereña, pág. 92 - 1998 ;
- (3) Saraiva, José Hermano - A história de Castelo Branco, in Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal - nº 6 - 1996
- (4) Lobo, Ernesto Pinto; Castelo Branco Antiga, 1800 - 1950, pág. 2. Edições JPL - 1995
- (5) Leite, Ana Cristina; O enigma das origens, in Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal - nº 6 - 1996
- (6) Leite, Ana Cristina; O enigma das origens, in Guia Expresso das Cidades e Vilas Históricas de Portugal - nº 6 - 1996
- (7) Bermejo, Jose María; Salvado, Pedro; Mateos, Jose Antonio; Longo, Paulo. Castelo Branco, Imágenes de lino y seda, in La Raya Luso Cacereña, pág. 93 - 1998
- (8) Silva, M.L.Coelho; Código dos cemiterios, pág.8; Typographia Catholica - 1894.